

Alta de preço de alimentos ameaça mais Lula que Trump

Estudo aponta que risco de aceleração dos valores de comer em casa em 2026 é maior para brasileiros que para americanos

Por **Marta Watanabe** — De São Paulo

26/09/2025 05h01 · Atualizado agora

Após forte crescimento entre setembro de 2024 até maio deste ano, os preços da alimentação no domicílio recuam desde junho, na variação mensal. A sensação dos consumidores brasileiros em relação ao preço dos alimentos melhorou no decorrer dos últimos três meses e segundo pesquisas do período, favoreceu a recuperação da popularidade do presidente Lula. Nos Estados Unidos, ao contrário, a alta no preço dos alimentos vem se acelerando e pesquisas indicam que isso se tornou fonte maior de preocupação para os americanos. Para os próximos meses e para 2026, ano de eleições presidenciais no Brasil, porém, o risco de aceleração de preços na alimentação em casa é maior para os brasileiros do que para os americanos.

A conclusão é de estudo do economista Francisco Pessoa Faria, pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre). Os dois países, ressalta, possuem especificidades para a métrica da inflação da alimentação no domicílio, pondera, mas os riscos maiores de aceleração nos preços no Brasil se devem a maiores chances de desvalorização do real frente ao dólar em 2026, à forte volatilidade dos preços dos vegetais in natura, que tem contribuído para o alívio da inflação, e à tendência de maior pressão nos preços da carne, dado o ciclo de abate dos bovinos.

"Os preços dos alimentos no domicílio pesam em geral na população mais pobre, que é a maior parte da população. São preços que pegam na popularidade em todos os países. Podemos até pensar que o Lula está bem, porque a picanha teve um repique [de preço], mas está melhor do que foi, e que Trump [Donald Trump, presidente dos EUA] não está bem. Na verdade, em termos políticos, quem deveria estar preocupado com o futuro, pela questão do preço da comida, é muito mais Lula do que Trump", diz Faria.

Na última semana, em participação do evento **Valor 1000**, o vice-presidente Geraldo Alckmin observou que na eleição para presidente o que pesa é a satisfação das pessoas nos últimos seis meses que antecedem a eleição. "Isso é do mundo inteiro. O que pesa é economia. Então é importante controle da inflação e emprego."

O impacto dos preços dos alimentos nos "sentimentos" dos consumidores, ressalta Faria, foi refletida em pesquisas realizadas tanto no Brasil quanto nos EUA nos últimos meses. Segundo levantamento de julho da Associated Press, o custo dos alimentos em mercados é a fonte de maior preocupação dos cidadãos americanos - esse item foi considerado fonte importante de estresse para 53% dos entrevistados.

No Brasil, aponta Faria, pesquisa da Quaest revelou que a porcentagem de pessoas que afirmam ter havido aumento de preços dos alimentos no último mês recuou para o menor valor desde dezembro de 2023. Após ter ficado em trajetória ascendente desde outubro de 2024, o percentual atingiu 88% em abril e desde então vem caindo, chegando a 60% em agosto.

Ainda segundo a pesquisa, destaca Faria, ao lado da reação ao tarifaço americano, o relativo alívio em relação à percepção dos preços dos alimentos foi um dos fatores que explicam uma certa recuperação da popularidade do presidente Lula.

“

Preços de alimentos no domicílio pesam em geral na população mais pobre”

— Francisco P. Faria

Dados do IBGE mostram que em agosto houve queda de 0,83% no preço da alimentação no domicílio dentro do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Foi a terceira deflação mensal do grupo, após quedas de 0,69% em julho e de 0,43% em junho. Em maio houve praticamente estabilidade, com alta de 0,02%. O IPCA-15, prévia do IPCA cheio, indica que em setembro a alimentação em casa teve o quarto recuo consecutivo, com deflação de 0,63%, ante 1,02% em agosto.

Faria observa que os indicadores para preços de alimentos no Brasil e nos EUA têm níveis muito diferentes. O aumento de preços acumulado em 12 meses até agosto na alimentação no domicílio no Brasil foi de 7% enquanto nos EUA foi de 2,6%. Mas uma trajetória dos dois indicadores considerando como base 100 o mês agosto de 2024, diz, permite uma comparação mais clara do comportamento distinto dos preços da alimentação no período mais recente.

Os preços da alimentação no domicílio no Brasil estavam em abril 9,1% acima dos de agosto de 2024. Em agosto de 2025, essa alta cedeu 2,1 pontos percentuais (p.p.), para 7%. Nos EUA, os preços estavam em abril 1,7% mais alto que em agosto de 2024. A taxa se acelerou para os 2,6% no mês passado, sempre mantendo agosto de 2024 como base de comparação.

Na verificação dos riscos para aceleração da inflação de alimentos no domicílio no Brasil, Faria destaca as possíveis pressões sobre a taxa de câmbio, devido às eleições presidenciais de 2026. "A experiência de 2022 mostrou que a tentação pela adoção de medidas fiscais expansionistas não tem ideologia, e o mercado financeiro acompanhará com lupa não só as estatísticas contemporâneas, mas também os discursos e perspectivas para a evolução da dívida pública."

Faria observa que os preços dos vegetais in natura estão apresentando comportamento muito pouco comum no Brasil. A contribuição do grupo para a alimentação no domicílio está negativa, o que só aconteceu em um terço de um período total de 19 anos. Além disso, diz, a magnitude dessa contribuição tem sido significativa e a duração da contribuição, sem interrupções, é a maior desde 2019.

"Eu diria com muita tranquilidade que a probabilidade de o preço do alimento aumentar no Brasil é grande mesmo."

Em algumas culturas, ele destaca a perspectiva de redução de áreas plantadas, o que irá reduzir a oferta e elevar preços. Trata-se de uma reação comum à redução de preços, explica.

É o caso do arroz, que não é alimento in natura e está no grupo dos cereais, aponta. Para a safra 2025/26, o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) estima uma redução de aproximadamente 5,2% na área plantada. O Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional de arroz. O cereal teve contribuição negativa de 1 ponto percentual (p.p.) na variação acumulada do IPCA de alimentação no domicílio no acumulado em 12 meses.

Já nas carnes, Faria explica que a evolução de preços reflete o ciclo pecuário. Após períodos mais longos de queda da cotação do boi gordo, diz, os pecuaristas passam a enviar uma porcentagem maior de fêmeas para o abate, porque a retenção para geração de bezerras passa a ser pouco atrativa economicamente. Isso reforça a queda de preços num primeiro momento, mas depois a oferta deixa de acompanhar a demanda, o que leva à gradual elevação da cotação do boi gordo. A retenção de fêmeas volta a ser atrativa e a trajetória de alta de preços é reforçada. Essa virada de ciclo, diz, está para acontecer.

Ele lembra que dados do IBGE mostram que, pela primeira vez na série histórica, desde 1997, a participação das fêmeas em número de bovinos abatidos superou a dos machos no segundo trimestre de 2025. O total de abates de bovinos cresceu 3,9% de abril a junho contra iguais meses de 2024 enquanto o abate de fêmeas aumentou 16%.

Mesmo que se mantenha relativamente favorável, a inflação não deve ser condição suficiente para um projeto de reeleição do presidente Lula, diz **Rafael Cortez**, cientista político e sócio da Tendências. "O voto econômico é bastante poderoso, sobretudo em regiões ainda em desenvolvimento, como o Brasil, um país ainda com muitas desigualdades sociais."

Para o eleitor mediano, diz, a inflação de produtos de alimentos, itens relevantes na cesta de consumo, é extremamente importante. Mas o cenário econômico, afirma, não é capaz de explicar sozinho "eventual sucesso do governo Lula na campanha de reeleição".

Ainda existe, ressalta Cortez, uma política muito polarizada no país e um dos atributos dela são as "preferências cristalizadas", de difícil alteração. Isso deve levar, diz, a uma "rejeição significativamente alta" do governo Lula, que em alguma medida independe da conjuntura econômica.

"E mesmo nos segmentos mais vulneráveis, a percepção positiva sobre a margem de vitória do governo é menor do que foi no passado." Para ele, o próprio governo reconhece que um quadro melhor de inflação não é suficiente e por isso tem sinalizado para projetos, sobretudo na área social, como gás para todos, subsídios da conta de luz e até a reforma do IR.